

cR

Centro
de Referência
Paulo Freire

**Este documento faz parte do acervo
do Centro de Referência Paulo Freire**

acervo.paulofreire.org



InstitutoPauloFreire

Como ter autonomia obedecendo regras

Livro do mais famoso pedagogo brasileiro alinha princípios éticos e faz críticas ambíguas ao neoliberalismo

por Clóvis de Barros Filho

Paulo Freire lançou em abril seu mais recente trabalho, *Pedagogia da autonomia*. Recomendar a leitura do renomado professor é uma obviedade inevitável. Reverências aparte, nesse livro de bolso de 163 páginas são elencados 27 mandamentos de um dever ser pedagógico distribuídos em três capítulos com nove itens cada. Recuperando uma taxinomia já presente em outros trabalhos, o autor classifica educadores como “progressistas” e “conservadores”, recomendando seus ensinamentos a ambos, embora priorize os primeiros. O livro é menos um desenvolvimento do chamado “método Paulo Freire”, e mais um código de procedimento pedagógico, precedido de uma pequena introdução sobre ética e ideologia.

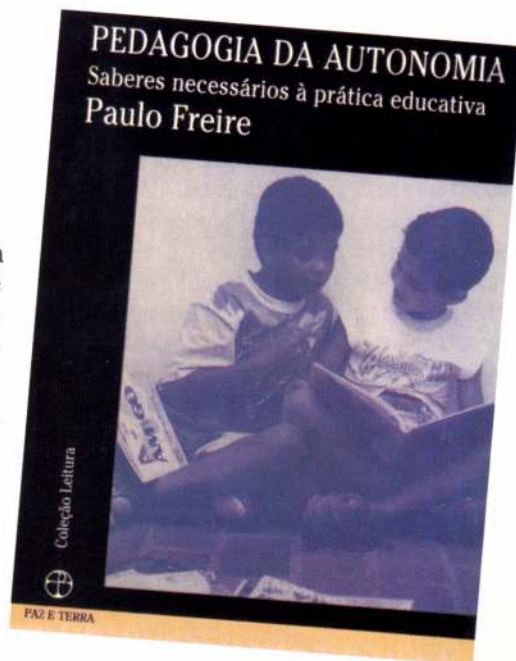
A educação – como forma de comunicação marcada por finalidades específicas – descobre, também com Paulo Freire, que o processo educativo não se esgota na elaboração e transmissão da mensagem. Com estilo fluente, o autor destaca a importância do receptor da mensagem pedagógica. A “autonomia” do aluno se traduz pelo “respeito aos saberes dos educandos”, pelo “reconhecimento de sua identidade cultural” e pela “necessidade do exemplo” como ponte de significado entre a nova mensagem e o repertório do aluno. Essa proposta, de indiscutível relevância teórica, exigiria por parte dos mestres um conhecimento prévio dos diversos referenciais de cada um de seus alunos, bem como condições de respeitar a especificidade desses repertórios, necessariamente distintos.

Esclarecendo aspectos tratados em outros livros, como *Educação como prática da liberdade* e o clássico *Pedagogia do oprimido* (que em três décadas vendeu 500 mil exemplares), Freire destaca que o professor não pode nem

deve ser neutro no exercício da docência. Ensinar, para o autor, exige “comprometimento” e compreensão de que “a educação é uma forma de intervenção no mundo”, sobretudo “ideológica”. Freire destaca que o comprometimento ideológico não incorre em transgressão ética. Com acerto, aponta que quem observa o faz sempre de um certo ponto de vista. O equívoco está em tornar absoluta determinada visão, desconsiderando os demais ângulos possíveis.

O autor é menos preciso ao focar a questão ética. Suas considerações sobre a “ética da educação” geram perplexidade. Freire fala de uma “ética universal do ser humano”, ao mesmo tempo em que lhe atribui um caráter de construção social historicamente definida. Ora, se admitimos uma ética universal e inerente à pessoa, os valores que lhe dão sustentação e coerência devem ser atemporais e, portanto, indeterminados historicamente. Ele observa, no entanto, que a ética nunca pode ser um *a priori* (termo kantiano que indica a parte de razão anterior à experiência) da história, sendo portanto uma construção social.

Assim, de acordo com Freire, cada universo social terá ética e valores historicamente determinados. Tornam-se estranhas, portanto, expressões como “ética menor”, “malvadez neoliberal”, “ideologia fatalista” etc. Independentemente de o leitor estar ou não de acordo com a valoração do autor, a “ética do mercado”, cujos efeitos no campo educativo são indiscutíveis, é histórica e socialmente construída. Desta forma, no limite, se aceitamos a premissa do autor, seriam aéticos todos os que a ela se opõem.



O autor destaca ainda a influência das estruturas sociais, mas condena o determinismo, observando a possibilidade do “agir individual sobre o mundo” que confere ao sujeito “responsabilidade” e dimensão ética. Mereceria maior precisão essa salutar tentativa de conciliação de um estruturalismo à Bourdieu com o reconhecimento de prerrogativas individuais e metodológicas, como encontramos em Boudon. Qual a medida dessas prerrogativas, que permitem avaliação, ruptura – uma ética da autonomia – uma vez aceitos os “condicionamentos genéticos, culturais e sociais a que estamos submetidos”?

Mas como não poderia deixar ser, a leitura de *Pedagogia da autonomia* é obrigatória para todos os que se interessam por educação e reconhecem em Paulo Freire um dos maiores intelectuais de nosso país. ■

Clóvis de Barros Filho é doutor em Ciências da Informação, pesquisador do CNPq, professor da Faculdade Cásper Libero e autor do livro *Ética na Comunicação*.
e-mail: cbarros@mandic.com.br